



casadesarmento

centro de estudos do património

Núcleo de Documentação Abade de Tagilde | Casa de Sarmento | © Sociedade Martins Sarmento

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4810-241 Guimarães
E-mail: casa.sarmento@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

CANCIONEIRO

DE

S. SIMÃO DE NOVAIS

COLIGIDO POR

FERNANDO DE CASTRO PIRES DE LIMA

(Cont. do vol. XXXII, n.º 4, pág. 399)

121

O limão é coisa azêda,
só se bota no assado.
¿ Quem te manda a ti falar,
se não és aqui chamado ?

123

Monte da Serra das Neves,
onde o penedo cafu.
Ninguém diga o que não sabe,
nem afirme o que não viu.

125

Minha mãe, p'ra me casar,
prometeu-me três ovelhas :
uma manca, outra cega,
outra mona, sem orelhas.

127

Minha mãe, quando eu morrer
— assim deixo destinado —
que me peguem ao caixão
quatro rapazes do fado.

129

Esta noite foi ao fado,
certa menina a mais eu :
era nova, não sabia,
todo_o trabalho_foi meu.

122

Chapéu de meia moeda,
ninguém o tem senão eu ;
quando o ponho na cabeça,
dou vivas a quem mo deu.

124

O' minha mãe dos trabalhos!
Para quem trabalho eu ?
Trabalho, mato o meu corpo,
não tenho nada de meu !

126

Mandas-me vir à *um'* hora,
há duas que eu aqui estou ;
¿ pensas que não é pecado
enganar a quem 'sperou ?

128

Quem quiser que eu cante bem,
dê-me uma pinga de vinho :
o vinho é coisa boa,
faz o cantar mais fininho.

130

Tenho o meu peito à chuva,
não acho *retelhador* ;
chovem, dentro como fora,
lágrimas do meu amor.

131

Tenho o meu quarto à chuva,
e não há *retelhador*,
que amolecem o sobrado
lágrimas do meu amor.

133

O' acipreste do adro,
não assombres a igreja!
Que bem assombrado anda
quem não logra o que deseja...

135

Hei-de ir ao S. J'ão a Braga
e a Braga ao S. João.
O S. João é em Braga
e o S. Brás em Chavão.

137

Priminho, não seja mau,
não faça mal à menina.
Três pingos de *nicolau*
faz arder a lamparina.

139

Adeus, meus queridos Pais,
vou p'ra a guerra, vou morrer;
adeus, meus queridos Pais,
que vos não torno a ver!

141

Eu queria uma Mãe,
inda que fôra uma silva;
inda que m'ela arranhasse,
eu seipre era sua filha!

143

Esta noite tive um sonho,
havia de ser um' hora:
uma pulga deu-me um couce,
deitou-me da cama fora.

145

Era duma vez um homem,
que vivia numa aldeia:
só queria jejuar
depois da barriga cheia.

132

O' laranjeira do alto,
bota laranjas de prata!
Tomar amores não custa,
deixá-los é o que mata.

134

Quando eu peguei a amar
inda não era pecado,
nem o mundo era mundo,
nem o mar era sagrado.

136

S. Bartolomeu do Mar
é padrinho de Maria;
eu também sou afilhado
da Senhora da Abadia.

138

P'ra te amar, deixei a Deus;
vê, amor, o que eu perdi:
agora vejo-me só,
sem amor, sem Deus, sem ti! ⁽¹⁾

140

Minha Mãe, que nos criastes,
minha Mãe, com tais carinhos!
Eu agora vou p'ra a guerra,
morrer como os passarinhos.

142

O' terra negra do adro,
sepultura dos anjinhos!
O' terra, que tens comido
corpos tam inocentinhos!

144

Era duma vez um homem
casado c'uma mulher:
não ficaram bem casados,
cada um faz o que quer.

146

Da minha casa p'ra a tua
é o salto duma cobra.
Ando morto por chamar
à minha Mãe tua sogra.

147

Não me cortes a oliveira,
nem lhe ponhas o machado,
que é o que dá o azeite
p'ra alumiar ao Sagrado.

149

Rapariga, tu és tôla!
Eu não sou o teu amante;
ou tu nasceste sem lua,
ou no quarto-minguante.

151

Duma flor nasceu a vara;
da vara nasceu a flor;
duma flor nasceu Maria;
de Maria, o Redentor.

153

Minha Mãe, case-me cedo,
enquanto sou rapariga:
o milho sachado tarde
nem dá palha nem dá 'spiga.

155

Eu queria ir p'ra a Maia
um ano, para meu gosto;
quero ver as maiatinhas
com que lavam o seu rosto.

157

Tenho dito aos meus olhos
que não chorem por ninguém:
os meus olhos, de chorar,
já nenhuma graça teem.

159

Môça solteira, não case,
logre-se da boa vida!
Eu já sei de uma casada
que chora de arrependida.

161

Freg'sia de S. Simão,
ela é meia de ladeira:
de inverno tudo é lama,
de verão tudo é poeira.

163

Hei-de me vestir de preto,
do mais preto que há na *toje*,
que eu já tenho por notícia
que o meu amor que me foge!

148

Fui-me deitar a dormir
ao pé da água que corre;
a água me respondeu:
Quem tem amores, não dorme.

150

O sol nasce e *inquelina*
as pedras do meu anel.
Eu também sou inclinada
ao nome de Manuel.

152

O mar também é casado,
também tem sua mulher:
é casado c'o a areia,
dá-lhe beijos quando quer.

154

Vós dizeis que — Viva a Maia?
Não sei que graça lhe achais:
terra de milho miúdo,
as caras são como as mais.

156

Olhos lindos como os meus
em poucas caras os vêdes:
olhos brancos, olhos pretos,
olhos azuis, olhos verdes.

158

Quando eu era pequenina,
trazia fitas e laços;
agora que sou casada
trago meus filhos nos braços.

160

Minha Mãe é umia rosa;
com meu Pai se arrecebeu,
e a filha é um botão
que da rosa rescendeu.

162

Quatrocentos guardanapos,
seis vinténs em cada ponta,
menina, que é tam fina,
faça-me lá essa conta!

164

Quando eu nasci, chorava,
eu chorava por nascer;
parece que adivinhava
que sorte havia de ter.

(1) Cf. 27.

165

O' preto! ¿P'ra que te lavas,
se branco nunca hás-de ser?
A água já o jurou,
de ti branco não fazer.

167

Se fores ao meu jardim
não cortes a margarida:
se a souberes estimar,
tens rosa p'ra tôda a vida.

169

Não quero amor soldado;
não no tenho como gente:
antes quero capitão,
ou alferes, ou tenente.

171

O meu amor é ourives
e o teu é mercador:
o meu dá-me prendas de ouro
e o teu não tem valor.

173

Eu não sei que fiz ao sol,
que não dá na minha rua:
hei-de me vestir de preto,
que, de branco, anda a lua...

175

Valha-me Nossa Senhora!
Que linda palavra eu dei!
Nossa Senhora me guarde,
já que eu guardar-me não sei!

177

Lindos olhos tem Antônio,
Santa Luzia, guardai-lhos!
Se não hão-de ser p'ra mini,
Santa Luzia, tirai-lhos!

179

O' Senhora da Saúde!
Eu bem alto vo-lo digo:
para o ano lá hei-de ir,
que vos tenho prometido.

166

Eu já vi nascer o sol
num copinho de beber.
Tu nasceste para mim,
que lhe havemos de fazer?

168

Vou cantar uma cantiga
sem licença de meu pai;
a primeira vai a medo,
a segunda a medo vai.

170

O' prima, chame-me primo!
Eu, prima, não te conheço;
também quero que me digas
donde vem o parentesco...

172

Quando eu nasci, chorava,
chorava por ter nascido:
parece que adivinhava
a sorte que tenho tido... ⁽¹⁾

174

Azeitona miúdinha
que azeite pode render?
Homem pequeno, sem barba,
que respeito pode ter?

176

O sete-estrêlo vai alto,
mais alto vai o luar!
Mais alta vai a ventura,
que Deus tem para me dar!

178

O' Senhor dos *Afelitos*,
livrai-me de *afelições*!
Livrai-me dos maus intentos
em certas ocasiões!

180

Não te ponhas de joelhos,
que eu não sou nenhum altar!
Eu não sou santo nem santa,
que me estejas a adorar...

181

O' alegria do mundo,
por onde é que tens andado?
Tenho corrido mil terras,
não te tenho encontrado...

183

O' alto lírio roxo!
abriga-me à tua sombra,
que eu furtei uma menina,
não tenho onde a esconda...

185

Dizeis que não sei cantar,
que tenho a fala grossa?...
Com ela me arremedeio,
não vos vou pedir a vossa...

187

Uma velha, muito velha,
mais velha que a saragoça,
falaram-lhe em casamento:
depois de velha, foi môça...

189

Quando eu cuidei que tinha
minhas penas acabadas...
Agora vejo que as tenho
de novamente dobradas!

191

Minha sogra morreu ontem,
a maieita vá com ela!
Deixou-me a chave da loja,
o vinho bebeu-o ela...

193

Debaixo de água 'stá água,
debaixo da água 'stá lodo.
Eu não falo de ninguém,
de mim fala o mundo todo...

195

O rouxinol é vadio,
faz a cama onde quer:
é como o rapaz solteiro,
enquanto não tem mulher.

197

Coitadinho de quem ama
um amor que já foi meu!
Agora, colhe-lhe a rama,
pois a flor colhi-lha eu...

182

A cantar ganhei dinheiro,
a bailar se me acabou:
o dinheiro mal ganhado,
água o deu, água o levou!.

184

Menina do amarelo,
diga-me quanto custou,
que eu quero vestir dêle,
já que tanto me agradou...

186

Menina, venha *a* mais eu,
não tenha medo à fome,
que meu pai tem uma quinta,
que sustenta quem não come.

188

Estes rapazes de agora
todos *quer* andar na moda:
traz um lencinho no bôlso,
com as pontinhas de fora...

190

Minha sogra morreu ontem:
Deus a leve ao Paraíso;
deixou-me uma manta velha,
não posso chorar com riso...

192

Minha sogra morreu ontem,
foi-se enterrar à cadeia;
os presos todos disseram:
Que cara ela tem tam feia!

194

Minha mãe, vou-me casar!
Minha filha, diz com quem...
Vou casar c'um caiador.
Minha filha, fazes bem!

196

Rosa! de mim 'stás queixosa...
Tu te queixas sem razão:
já te encontrei esfolhada,
não te tirei do botão...

198

Coitadinho de quem ama
um amor que é *pequeninho*!
Puxa-lhe pelas orelhas:
Anda cá, meu maluquinho!

(1) Cf. 164.

199

Vós chamais-me trigueirinha?
Isto é do pó da eira:
vereis-me, lá p'ra domingo,
como a rosa da roseira.

201

A cana verde, no mar,
anda de beira em beira.
E' como os moços solteiros
averseacham quem nos queira.⁽¹⁾

203

Chamaste-me moreninha?!
O' preta, vai-te lavar!...
Eu ainda tenho amores
que te posso amostrar...

205

Daqui para a minha terra
tudo é caminho chão:
tudo são cravos e rosas
plantados por minha mão.

207

No meio daquele mato
'stá uma pombinha branca;
não é pomba, não é nada:
é o mar que se levanta.

209

¿ Que passarinho é aquele,
que anda no lameiro verde?
Sempre c'o bico na água,
dizendo que morre à sede...

211

Não sei que me quer o Pôrto,
que tanto chora por mim...
Eu hei-de ir morar p'ra o Pôrto,
p'ra a rua do Bonjardim.

213

Assubi ao altar-mor,
acendi a luz ao trono.
Coitadinho de quem ama
amores que já teem dono!

200

Andas muito *azangada*,
companheira! Não te entendo...
Se é por causa do namôro,
guarda-o qu'eu não no pretendo.

202

Pensavas que eu que te qu'ria,
meu abanado do vento!
Eu até me desprezava
se assim perdia o meu tempo...

204

O Afonso é um homem;
veio cá buscar as notas.
Assim que as pilhou no bôlso,
logo lhe virou as costas.

206

Já tenho namôro,
hei-de namorar:
eu sou solteirinha,
quero me casar!

208

O' minha pombinha branca,
emprasta-me o teu vestido!
Inda que seja de penas,
eu em penas também vivo...

210

¿ Que passarinho é aquele
que canta na carvalheira?
E' o galo do abade,
que fugiu da capoeira.

212

Subi ao céu e sentei-me,
duma nuvem fiz encôsto;
dei um beijo numa estrêla,
cuidando que era em teu rosto.

214

Cravos brancos são beijinhos;
eu tantos te tenho dado...
Hoje estou arrependido:
meu coração 'stá virado.

215

Coitadinho dum amor,
que ama sem ser amado!
Fica c'o tempo perdido,
e o coração magoado.

217

Honiem casado, *rêdio*,
vá para a sua mulher!
Se morre, vai p'ra o inferno,
nem os demônios o *quer*...

219

Meu amor está doente,
toma chá de violeta.
Ao que eu prometo não falto,
pede a Deus que eu prometa...

221

Oliveira do Brasil,
deita para cá um cano!
O meu amor é teimoso;
a teima dura-lhe um ano.

223

Da outra banda do rio
tem meu pai um castanheiro
que dá castanhas em Maio,
uvas brancas em Janeiro.

225

E' noite, o sol está posto,
menina, vamos à ceia!
São horas de recolher
quem é de fora da aldeia.

227

Inda que se o lume apague,
na cinza fica o calor.
Inda que o amor se ausente,
no coração fica a dor.

229

Bem-me-queres, mal-me-queres
tenho eu no meu jardim:
bem-me-quer's depressa acabam,
mal-me-quer's nunca tem fim...

231

Eu hei-de ir, e hei-de vir,
falas te não hei-de dar:
hei-de-te fazer moer,
como o navio no mar.

216

Amores de homem casado,
quem nos toma é porque quer;
há boa resposta a dar:
Vá para a sua mulher!

218

Diz que eu sou bexigoso?
Que te importa os meus sinais?
Não há céu sem as estrêlas,
nem altar sem castiçais.

220

No meio do mar 'stão rosas,
eu bem lhes vejo os botões;
eu bem vejo caras lindas:
mas não vejo corações...

222

Salsa da beira do rio,
alecrim da outra banda.
Hei-de vencer os teus olhos,
indá que eu corra demanda.

224

¿ Dizeis que não pode ser
silva verde dar limões?
Eu tenho no meu quintal
nabiças que dão feijões.

226

E' noite, o sol está posto,
menina, vamos embora!
São horas de recolher
o canário à gaiola.

228

Suspiros, ais e dores,
imaginações, cuidados,
é o manjar dos amores,
quando vivem separados.

230

Silva verde, não me prendas,
olha que me não seguras!
Olha que eu já rebentei
outras verdes e mais duras!

232

O' combóio d'hora e meia,
não te posso ver passar!
Levaste-lo meu amor
p'ra a vida de militar...

(1) Cf. 120.

233

O' meu amor, anda, anda,
que te quero ver andar!
Quero ver como é teu brio
e mais o teu passear...

235

Troquei os meus olhos pretos
pelos teus acastanhados;
agora todos me chamam
amor dos olhos trocados.

237

Se Coimbra fôsse minha
como é dos estudantes,
mandava-lhe pôr no centro
uma c'roa de brilhantes.

239

Eu já fui ao Céu em vida,
já vi o que por lá vai:
tanta mulher sem marido,
tanto menino sem pai...

241

Moro à beira do rio,
moro mesmo à beirinha:
da janela do meu quarto
ouço cantar a sardinha.

243

Eu hei-de aprender a ler,
você há-de-me ensinar;
diga-me a primeira letra,
onde eu hei-de começar!

245

Da minha casa p'ra a tua
todo o caminho é chão;
tudo são cravos e rosas
plantados por minha mão.

234

O' Galiza, e ó Galiza,
manda-me de lá um ramo,
p'ra o meu amor que é trombudo!
Duram-lhe as trombas um ano. ⁽¹⁾

236

O meu amor é José,
é José que se lhe chama;
não é quem o mundo cuida:
o mundo também se engana...

238

Amor com amor se paga:
nunca vi coisa tam justa.
Paga-me contigo mesmo,
saberás quanto te custa.

240

O' Ana, três vezes Ana!
Maria uma só vez!
Mais vale uma só Maria,
do que as Anas tôdas três.

242

A cana verde me disse
que eu que havia de ir com ela;
vai-te embora, cana verde,
que eu não deixo minha terra! ⁽²⁾

244

Chamaste-me *pequeninha*?
Sou tamanha como vós:
delgadinha como a linha,
fininha como *arretroz*! ⁽³⁾

246

Da minha casa p'ra a tua
é um fio de algodão;
todos passam e não caem,
só eu caí na prisão... ⁽¹⁾

(Continua).

⁽¹⁾ Cf. 221.⁽²⁾ Cf. 201.⁽³⁾ Cf. 76.⁽¹⁾ Cf. 146, 205, 245.